

O Mundo dos Dinossauros e o Amendoim

Minha filha surpreendeu-me com um convite: vamos assistir ao Jurassic ParK IV, em 3D? Respondi com uma pergunta: será que entendi bem? Pelo que sei, não é bem o seu gênero de filme. Ela retrucou: pois é, passaram-se mais de 20 anos e, certamente, você não se lembra. Fomos ao cinema assistir ao Jurassic ParK I, ainda em "1D", eu estava com 10 anos, fiquei com medo dos dinossauros e não vi o filme. Fechava os olhos o tempo todo, enquanto saboreava dois pacotes de amendoim que você comprou. Então, agora, com 30 anos, acho que conseguirei enfrentar todos aqueles monstros. Rimos muito lembrando seus tempos de criança e do segredo por ela guardado, até então, a sete chaves.

Esclareço, caro leitor: o Jurassic Park IV não é o título original do filme. Trata-se do "Jurassic World - O Mundo dos Dinossauros", uma produção atual - 2015, quarta da série, que retrata um novo parque, vinte e dois anos após o primeiro filme. Em síntese, depois de experiências genéticas, um animal vira uma ameaça.

Pois bem, vamos ao que interessa, agendamos o cinema e lá chegamos. Revivemos todo o clima que antecede os filmes do gênero: mães, pais, crianças e adolescentes ansiosos. Não podia ser diferente: a fama dessas criaturas gigantes já seria suficiente para tamanho alvoroço. Entre cartazes e outras mazelas ficamos sabendo que eles dominaram o planeta Terra durante 135 milhões de anos e foram extintos há cerca de 65 milhões de anos, quando um meteoro de grandes proporções atingiu nosso frágil planeta.

Então, devidamente informados, eu e minha filha entramos no clima do filme, mas, antes de irmos para a sala de projeção, ela determinou: pai, compra dois pacotes de amendoim. Ora, um pedido mais do que justo; indispensável, prontamente atendido; afinal, por precaução, os amendoins não poderiam faltar. Em confortáveis poltronas nos acomodamos e aguardamos o início do filme. Imagens fantásticas saídas da tela em 3D. Grunhidos ameaçadores, escapadas e combates intermináveis.

Após cinquenta minutos de projeção, transporte-me para os tempos da infância de minhas três filhas: cinemas, teatros, parques e festas embaladas pelas músicas da Xuxa e a Turma do Balão Mágico. Realmente, bons tempos. Desliguei-me do filme; regredi mais no tempo, parei em minha infância: um tempo em que criança era criança, com direito a futebol na rua com pés descalços, bola de gude, pipa e o perigoso carrinho de rolimã, capaz de alcançar altíssima velocidade e vencer desafiadoras curvas a noventa graus e, além, competições arriscadas, dignas da narração de Galvão Bueno - era a minha Fórmula Um. Um detalhe: erámos felizes e sabíamos, mas essa é outra história.

Retornando à tela do cinema, continuava o show ameaçador daqueles monstros. Tentei concentrar-me, porém o pensamento ficara congelado em minha infância, dando conta do tempo que passou: rápido, impiedoso, implacável; como se fosse um daqueles gigantes ameaçadores, com suas garras, seus grunhidos, em botes aterrorizantes e certeiros sobre a plateia. Pensei eu: monstros do passado, do presente, ou pior, do futuro. Acomodei-me na poltrona, olhei para o lado e vi que minha filha divertia-se com o que perdera há vinte anos. E, eu? Bem, nem tanto, impaciente, perguntei: filha, você ainda tem amendoim? Não, pai, comi os dois pacotes. Então, eu lhe disse: vou lá fora comprar amendoim, você quer? Ela, rindo, perguntou-me: tá com medo, pai?

Cordiais Saudações
Flavio Rabello
Engenheiro da extinta RFFSA

